

ALONSO SÁNCHEZ COELLO

"INFANTA ISABEL CLARA EUGENIA COM MAGDALENA RUIZ"

7 OUTUBRO 2021 – 2 JANEIRO 2022

ESTE RETRATO de Isabel Clara Eugenia integra-se plenamente na tradição do retrato de corte criado nos anos centrais do século XVI. A figura de corpo inteiro da infanta, ricamente ataviada com um traje de seda branca, bordado a ouro e guarnecido por numerosas joias – entre as quais se destaca um camafeu com a efigie do rei, seu pai, Filipe II de Espanha e I de Portugal –, com uma das suas mãos apoiada na cabeça de Magdalena Ruiz, remete para outros importantes retratos femininos da dinastia dos Habsburgos. A imagem insere-se numa cadeia de tradições e heranças recebidas e assumidas, as quais desenharam um perfil comum dinástico das mulheres da Casa de Áustria, inaugurado pelos retratos pintados por Tiziano Vecellio e Anthonis Mor van Dashorst. Devemos procurar o seu antecedente mais imediato no retrato de Isabel de Valois, mãe da infanta, realizado entre 1561 e 1565, onde, além da conceção geral, se repetem elementos como a coluna (referência explícita aos Habsburgos) e a apresentação de uma miniatura com a efigie de Filipe II, símbolo de filiação dinástica, dependência e subordinação ao rei. Tal surge também em outros retratos femininos anteriores, como o de Joana de Áustria, do Museo de Bellas Artes de Bilbao, realizado por Alonso Sánchez Coello em 1557, no qual a presença do rei numa miniatura reforça o papel regente então assumido por Joana.

A dedicação aos interesses de Filipe por parte da sua filha Isabel repetia, sem dúvida, o papel que Joana, sua tia, havia tido. Ambas se ocuparam do governo de parte dos territórios familiares, por delegação daquele a quem legitimamente pertenciam – o rei. No caso de Isabel Clara Eugenia, a inclusão da imagem paterna – um retrato dentro do retrato, reproduzindo o busto em alabastro de Pompeo Leoni (E279) – servia para reforçar o porte majestático exibido pela infanta. Magdalena Ruiz repete, em parte, o gesto da infanta. A presença de um retrato pintado – possivelmente de Filipe – num medalhão com cadeia, com joia pendente, habitual na época, destina-se a evidenciar os serviços prestados e as comprovadas lealdades.



Alonso Sánchez Coello (Benifairó del Valls, Valência, 1531/32 – Madrid, 1588)

Infanta Isabel Clara Eugenia com Magdalena Ruiz

1585-1588

Óleo sobre tela

207 × 129 cm

Proveniência: Colección Real

Madrid, Museo Nacional del Prado, inv. P000861

A presença da anciã – uma criada muito próxima, vinculada à corte espanhola durante o reinado de Carlos V e de sua esposa, Isabel de Portugal – é igualmente um elemento que reforça o sentido da tradição e da continuidade familiar. A forma como o pintor a introduz na obra repete a do pequeno criado negro em que se apoia a princesa Joana no seu retrato de 1551, pintado pelo círculo de Anthonis Mor (Bruxelas, Musées Royaux des Beaux-Arts), contendo uma alusão às possessões africanas do império português, as quais se incluem igualmente nesta tela do Prado, onde se veem outras referências filoportuguesas. Por um lado, Isabel Clara Eugénia exibe uma indumentária que segue as cores do vistoso cerimonial luso (ouro sobre branco). Magdalena Ruiz – que, em 1581, acompanhara Filipe II a Portugal – tem sobre o peito o que se tem interpretado como uma recordação dessa viagem: um colar de coral com duas voltas. Além disso, sustém entre as mãos dois pequenos macacos, exemplares oriundos da América amazónica.

A atribuição a Sánchez Coello foi estabelecida tardiamente, depois de se terem proposto os nomes de Bartolomé González e de Felipe de Liaño. A notável qualidade dos rostos parece estar de acordo com a mão do artista luso-valenciano, enquanto a minuciosa descrição da indumentária e do dossel do fundo pode atribuir-se a um trabalho de oficina.

Ruiz Gómez, Leticia, 2008. «La infanta Isabel Clara Eugénia y Magdalena Ruiz», in *El Retrato del Renacimiento*. Madrid: Museo Nacional del Prado, pp. 404-405.

ALONSO SÁNCHEZ COELLO
(Benifairó, Valência, 1531/32 – Madrid, 1588)

Contando cerca de dez anos de idade, Alonso Sánchez Coello mudou-se com a família para Portugal, onde iniciou a sua educação artística. Conhecedor do talento do jovem, D. João III, rei de Portugal, custeou em 1550 a sua viagem à Flandres, para que ali pudesse completar a sua

formação. Em terras flamengas, o pintor esteve ao serviço do cardeal Granvela e foi discípulo de Anthonis Mor van Dashorst. Ao regressar a Lisboa, cerca de 1552, é provável que tenha começado a trabalhar para o príncipe D. João Manuel e para a sua esposa, D. Joana, irmã de Filipe II. Quando esta enviuvou, regressou a Espanha para assumir o governo durante a ausência do seu irmão e, pouco depois, por volta de 1555, Sánchez Coello levou-lhe à corte, então em Valladolid, um retrato do seu filho, o futuro rei D. Sebastião de Portugal. O pintor já não regressou a terras lusas. Em Valladolid, realizou os primeiros retratos do príncipe Carlos, filho de Filipe II, e cerca de 1560 contraiu matrimónio com Luisa Reynalte, oriunda de uma família de prateiros. Nesse mesmo ano, foi nomeado pintor de câmara de Filipe II, cargo que ocupou até à morte, ocorrida no ano de 1588 em Madrid (cidade onde residia desde 1561, quando nela se estabelecera a Corte). Ao longo da sua carreira, Sánchez Coello dedicou-se, fundamentalmente, ao retrato, ainda que também tenha realizado obras religiosas como o retábulo da igreja de El Espinar, em Segóvia (1574-1577), e alguns pares de santos para a Basílica do Escorial (1580-1582).

Este artista ocupa um lugar fundamental dentro da história da pintura espanhola, pois foi o iniciador do género retratístico na Península, seguindo o modelo definido por Anthonis Mor, ao representar os membros da Casa de Áustria. Algumas das suas pinturas faziam parte das duas principais galerias de retratos criadas durante o reinado de Filipe II, a do Palácio de El Pardo e a do Alcázar madrileno, ambas desgrazadamente desaparecidas no decurso de incêndios ocorridos em 1604 e 1734. As suas obras conservam-se atualmente no Museo del Prado, em fundações reais espanholas, como o Mosteiro das Descalzas Reales, e em museus e coleções da Áustria e da Boémia.

Antonio, Trinidad de, 2012. In *Del Greco a Goya. Obras maestras del Museo del Prado*. Ponce, Puerto Rico: Museo de Arte de Ponce, p. 92.